

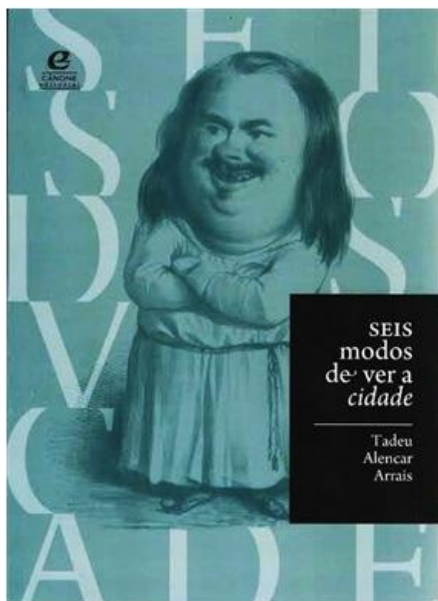
Resenha

ARRAIS, Tadeu Alencar. **Seis modos de ver a cidade**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2017.

Sheila Francisca da Cruz

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil

sheilafran.d.c@gmail.com



Seis modos de ver a cidade é um livro publicado em 2017 pela Cãnone Editorial. Foi escrito pelo professor Doutor em Geografia Tadeu Alencar Arrais, formado pela Universidade Federal Fluminense (Niterói-RJ) e professor associado do Instituto de Estudos Socioambientais (IESA) da Universidade Federal de Goiás, UFG. É editor do *Boletim Goiano de Geografia* e integrante editorial das revistas *Mercator*, *ANPEGE* e *Boletim Campineiro de Geografia*. Publica regularmente artigos e livros sobre a temática urbana e regional.

Mapa, morfologia, ecologia, técnica, paisagem e cotidiano são abordagens utilizadas que caracterizam os seis modos de ver a cidade. Cada uma dessas narrativas é peculiar e serve como modo para um olhar amplo sobre a cidade. Conceitos acadêmicos renomados se misturam com doses de literatura e cinema para um olhar sobre cidades como Londres, Paris, Rio de Janeiro, Los Angeles, Nova York, Berlim, Moscou, Bagdá, Jerusalém, Cairo, entre outras. São seis narrativas sobre a universalidade da análise urbana que se caracterizam especialmente no contexto histórico de cada cidade.

O livro reúne imagens, gráficos, mapas, fotografias e pinturas, além de vasta referência acadêmica, literária e cinematográfica em sua estrutura. A obra é formada por seis capítulos, além de introdução, conclusão e anexo. A cada capítulo encontra-se uma epígrafe, sendo esta da literatura ou do cinema. No canto do lado direito de cada folha encontra-se o nome do capítulo, o que facilita ao leitor não perder a narrativa e localizar trechos.

A capa do livro dá uma tênue sensação de conforto. O papel é liso, de uma parte lustrosa e de outra porosa. Nas páginas, há um jogo de luz, gerando sensação de

agradabilidade. A capa traz uma litografia de Balzac por Benjamin Roubaud, já nas páginas são as muitas figuras ilustrativas que chamam atenção.

A introdução diz sobre as influências que fizeram o autor escrever o livro. Ao todo, três. A primeira, ainda jovem com sua primeira carteira de trabalho, ingressa na construção civil. Em um apertado horário de almoço sobe no décimo andar do edifício em que trabalha e tem o primeiro vislumbre do que é a cidade. A segunda experiência é acadêmica, motivada por seus estudos na Geografia urbana e em autores como Pierre Monbeig, David Harvey, Mike Davis e Jane Jacobs. A terceira por seu gosto por literatura e por autores como Honoré de Balzac, Charles Dickens, Victor Hugo, Aluísio Azevedo, Émile Zola. Entretanto, essas três influências se agregam ao filme que o autor descreve como visionário, *Metrópolis*, de Fritz Lang. O filme é o ímpeto inicial da escrita.

“Mapa”, primeiro capítulo da obra, relata o início da história do viajante pela cidade. O mapa aparece como discurso gráfico com a função de orientação e localização. Aparece como conhecimento cartográfico, comunicando rotas e delimitando lugares. Pronunciando cidades a serem conquistadas. Nos mapas do século XVIII, segundo o autor, se observavam duas características comuns. A primeira era a representação de rios e relevo. A segunda, a representação e a presença de muralhas circundantes nas cidades. A partir do século XIX, os mapas se distanciaram da imaginação, das representações panorâmicas e ilustrativas. A precisão cartográfica e o pragmatismo nos mapas sobressaíram e se relacionavam com os primeiros passos para o planejamento urbano. Mapas acompanham a evolução das cidades. São as primeiras imagens dela. Atualmente, com todas as ferramentas tecnológicas disponíveis de mapeamento e localização, antes de viajar, ruas e monumentos são visualizados através do Google Earth.

“Morfologia”, segundo capítulo, depois do viajante pegar o mapa, localizar-se por ele, observa a forma da cidade. O plano morfológico é apresentado com seus aclives, declives, retas. Os morros, as montanhas, as florestas e a água. O autor identifica nesse capítulo diversos exemplos de cidades em sua forma morfológica e topofólica, como o Rio de Janeiro e sua topografia constituída por morros e pedras com afloramentos de granito; a Acrópole em Atenas, desenhada em mármore e esculpida na rocha; cidades de mineração, numa combinação de geologia, relevo e água para exploração do ouro de aluvião. A morfologia molda os limites e as fronteiras do sítio urbano. Assim como os grandes rios moldam tanto o relevo quanto as cidades. É uma relação indissociável entre a água e o surgimento de cidades. Nisso, o autor evoca a imagem de grandes e importantes cidades que surgiram e se desenvolveram dessa relação. Por fim, ele

demonstra a relação entre topografia e fragmentação espacial das cidades e valores diferenciais do solo.

“Ecologia”, terceiro capítulo, o pesquisador mostra uma ecologia um pouco diferenciada do conceito abordado por ecologistas, ambientalistas, biólogos e outros. Diferencia o conceito, mas não foge de abordagens como adaptação, sobrevivência, equilíbrio ecológico, autossuficiência alimentar e cadeia alimentar; exploração de recursos; escassez de água, entre outros. No capítulo, é retratada uma ecologia urbana que submete à cidade em um tempo geológico na mesma proporção que a submete num tempo histórico. Os eventos geológicos e as relações historicamente construídas determinam a ecologia da cidade. Os riscos (enchentes, deslizamentos, hipotermia, atropelamento, latrocínio, solidão, fome e outros.) que coordenam a ecologia da cidade. Desse modo, em todo o capítulo deflagra exemplos concretos da ecologia nas cidades. É um capítulo metucioso e diverso em citações e apontamentos sobre a ecologia das cidades.

“Técnica”, quarto capítulo, se vislumbra na cidade três funções fundamentais: artefato, redes e *expertise de uso*. A função de artefato se mostra em monumentos, ferramentas, máquinas. As redes técnicas se fazem presentes nas cidades em rede de transporte, esgoto, energia elétrica, gás. Já a *expertise de uso* é como a técnica se apresenta no cotidiano, sua organização e sua interferência nele. Nesse capítulo, a técnica é situada em contexto de trabalho, de alienação, de emancipação, e mais importante, se desenvolve com a cidade.

“Paisagem”, quinto capítulo, evoca a imagem, o olhar e a visualização. Esse capítulo apresenta a cidade e suas múltiplas paisagens. É a forma de olhar, de ouvir e de sentir a cidade que caracteriza a paisagem urbana. O autor identifica a paisagem formada pelas guerras. A paisagem das favelas. A paisagem de cidades europeias. A paisagem de cidades turísticas. A paisagem moderna das cidades. “Cotidiano”, último e mais denso capítulo, é o que sintetiza e amplia o fenômeno urbano. Nele, a cidade é vista em todos os seus modos. É no cotidiano que as relações urbanas se estabelecem e que a imagem de cidade se forma. É nele que a apropriação dos espaços públicos e privados ocorre, revelando as formas de trabalho e de moradia. É ainda no cotidiano que a cidade é vista em seu último modo.

Apesar da proposta inicial do livro ser de uma ordem aproximativa entre os modos de ver em que traz a figura do viajante à cidade, em dados momentos essa proposta é deixada de lado. Talvez seja uma estratégia para que o leitor também não focalize na figura do viajante e, sim, atente-se à narrativa da cidade e às formas de vê-la.

Na orelha do livro atribui-se ao capítulo “Técnica” a dominação e a ocupação de ambientes hostis e inóspitos através de obras da engenharia, mas ao ler o livro o leitor não encontra essa atribuição especificamente nesse capítulo. Esse atributo aparece diluído em outros capítulos como “Morfologia”, “Ecologia” e “Cotidiano”.

São inúmeros os exemplos utilizados pelo autor e cada um deles é relevante para apresentar o tema primordial do livro: o fenômeno urbano. Não há contraindicação de leitura para este livro. Com uma abordagem simples, sem deixar de lado a base científica, o livro pode ser indicado especificamente a professores de vários níveis de ensino, sobretudo da área das Ciências Humanas ou afins. A obra é um convite a todo aquele que deseja (sendo estudioso de áreas urbanas ou não) alcançar uma leitura universal das cidades.

Sobre a autora

Sheila Francisca da Cruz - Graduanda no curso de Geografia da Universidade Federal de Goiás.

Recebido para avaliação em novembro de 2017

Aceito para publicação em dezembro de 2017.